

***O CONTO EM SALA DE AULA: UMA
LEITURA DE “ VASTO MUNDO”, DE
MARIA VALÉRIA REZENDE***

**Mariana Nunes Ribeiro de Farias
(Graduada em Letras- UFCG)**

O ensino de literatura tomou rumos diferentes daqueles calcados no estudo tradicional, no qual fragmentos de textos e obras, assim como estudo de escolas literárias eram o foco principal da aula. Hoje, uma considerável base teórica comprova a importância da leitura do texto literário de forma integral como um dos elementos primordiais da aula de literatura. Diante disso, nosso trabalho pretende trazer à luz uma análise interpretativa de alguns contos que compõem o livro *Vasto Mundo* (2001), visando empreender alternativas de trabalho com o conto em sala de aula. Para isso, fundamentamo-nos nas *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* (2006) bem como nos *Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba*(2006) , além de abranger a proposta de compartilhamento da leitura, sugerida na obra *Andar entre livros* de Colomer (2007).

INTRODUÇÃO

No âmbito das discussões que permeiam a questão da leitura em sala de aula, sabemos que tal preocupação geralmente está voltada para a aula de Língua Portuguesa. Entretanto, estudos recentes demonstram que a aula de literatura também permite trabalhar de forma eficaz a leitura (literária) corroborando para o desenvolvimento crítico-reflexivo do aluno. O ensino da literatura além de cumprir com uma obrigação curricular, deve ser pensado de forma tal que o aluno possa vivenciar a autonomia desenvolvida durante sua formação como leitor literário. Tal assunto permite-nos compreender outros aspectos relevantes para que a leitura literária seja efetivada com certo “sucesso”. O primeiro deles está diretamente ligado com aquilo que Colomer (2007) chama de “compartilhar”, Segundo pesquisas citadas em *Andar entre livros* revelam “que a criação de referências compartilhadas vividas como um círculo integrado têm uma importância decisiva na motivação da leitura.”

Para tanto, compreendemos que não é apenas a figura do educando que está em questão, além de sua bagagem cultural, o espaço social no qual está inserido ou como se dá o universo da leitura que tem, há também a preocupação com a formação do professor. O educador tem um papel fundamental como mediador da leitura, é ele quem planeja as aulas, intervém e acima de tudo deve representar um verdadeiro exemplo de leitor.

Segundo Petit (2008), o papel do mediador abrange a figura de um adulto, de um professor ou de um bibliotecário. No caso da nossa pesquisa o mediador ao qual faremos referência será sempre o educador. Acreditamos na importância da atuação do professor nesse contexto como um facilitador que, ao criar estratégias, viabiliza novas leituras mesmo com um texto antigo em mãos. Daí a relevância desse mediador também tornar-se um leitor atento, crítico, dedicado, sensível à literatura e à pesquisa literária. Nossa proposta articula a importância do mediador e do ato de compartilhar a leitura de contos do livro *Vasto Mundo* (2001) de Maria Valéria Rezende, também reconhecida pelo prêmio Jabuti 2009 com o livro *No Risco do Caracol* (2008), autora do romance de repercussão internacional *O Vôo da Guará Vermelha* (2005). Sua produção literária totaliza em média dez livros entre contos, crônicas, histórias infantis e romances. Acreditamos que os contos podem sim constituir-se como *corpus* para o desenvolvimento de aulas uma vez que permitem considerações prévias dos alunos suscitando o debate crítico-reflexivo ao elencar o texto literário e o mundo ao redor.

A partir de tais reflexões consideramos o grande valor de se pensar propostas metodológicas para inserção e trabalho da leitura literária em sala de aula. Para isso utilizaremos os Referenciais Curriculares para o Ensino Médio na Paraíba, que por sua vez sugerem o trabalho com os textos em sala de aula de forma que se possa priorizar a leitura integral dos mesmos. Dessa forma, nossa preocupação se estende em buscar alternativas de cobrir tais lacunas, apresentando ao aluno a leitura, não de fragmentos, mas de contos integrais. Acreditamos, portanto, que se torna relevante intervir no espaço escolar, mediando essa nova forma de abordar textos literários e assim realizar uma pesquisa que contribua para o melhoramento tanto da formação docente quanto do ensino de literatura. Para isso, enfatizaremos de forma significativa a recepção de contos regionais, cuja linguagem simples colabora para facilitar a aproximação entre texto e leitor.

O CONTO SEM ALA DE AULA- PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Com base nos documentos que regem o ensino médio nas esferas nacional e estadual, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006) e os Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba (2006), compreendemos que há uma nova perspectiva no que concerne ao trabalho com o texto literário. Não muito distante de

nossa realidade, os Referenciais propõe alternativas de explorar a leitura integral de textos tais como poemas, contos, crônicas e até mesmo uma leitura de maior fôlego como o romance. Esta nova concepção de ensino de literatura busca alternativas de desfazer a concepção tradicional, na qual a experiência de leitura (que já era mínima) passa a ser substituída pela preocupação com o estudo da história da literatura. O ensino de literatura durante muito tempo se voltou (e ainda se volta, na maioria das instituições escolares) para: “a) substituição da literatura difícil por uma literatura considerada mais digerível; b) simplificação da aprendizagem literária a um conjunto de informações externas às obras e aos textos; c) substituição dos textos originais por simulacros, tais como paráfrases ou resumo” (OSAKABE; FREDERICO, apud OCEM 2006). Isso muito comprometeu a leitura de obras e até mesmo de textos menores tais como poemas. No entanto, estudos recentes demonstram que a pesquisa sobre o ensino de literatura vem tecendo rumos diferentes na atualidade. Segundo Colomer (2006), há uma nova ênfase voltada ao ensino de literatura: “Estímulo, intervenção, mediação, familiarização ou animação(...)”. A preocupação está centrada não só em aproximar o educando das obras, mas também em promover alternativas de como concretizar a mediação. Acerca da mediação, Petit (2008) afirma que apenas o livro na sua dimensão material não é suficiente para desenvolver o prazer pela leitura, por isso defende a intervenção do mediador e sobre isto faz a seguinte afirmação:

Um conhecimento, um patrimônio cultural, uma biblioteca, podem se tornar letra morta se ninguém lhes der vida. Se a pessoa se sente pouco à vontade em aventurar-se na cultura letrada devido à sua origem, ao seu distanciamento dos lugares do saber, a dimensão do encontro com um mediador, das trocas, das palavras “verdadeiras”, é essencial. (PETIT, 2008, p. 154)

À luz dessa reflexão, compreendemos que há uma teia na qual: uma biblioteca estruturada com bom acervo, ambientes de leitura onde haja circulação de livros, atividades estimulantes, são eficazes na medida em que haja a intervenção do mediador para atrair o leitor. Quando se trata da leitura literária é válido lembrar que uma formação docente de qualidade é imprescindível para refletir na formação de bons leitores, portanto, o professor deve estar preparado para interagir com seus alunos a fim de responder “a inquietações” dos mesmos.

Contagiar o educando, plantar nele a curiosidade por outras leituras, o prazer e o sentimento de que ler poemas, contos, romances, pode tornar-se uma atividade prazerosa. É também refletir essa prática na sociedade na qual o aluno está inserido. Assim, construir o trabalho com a literatura no âmbito escolar é ao mesmo tempo, redimensionar o que lá ocorre para as práticas sociais, uma vez que a escola promove o saber para o contexto social e vitalício. Em face do exposto concordamos que

“A leitura do texto literário é, pois, um acontecimento que provoca reações, estímulos, experiências múltiplas e variadas (...). Não só a leitura resulta em interações diferentes para cada um, como cada um poderá interagir de modo diferente com a obra...”(OCEM,2006, p. 67)

Some-se a ideia de interação sugerida pelo documento, ao que Colomer denomina de “leitura compartilhada”¹ Entretanto, compartilhar só é possível a partir da existência de alguém que possa mediar leitura e impressões. Sendo assim, acreditamos na proposta de Colomer, ao defender que é possível compartilhar leituras mesmo antes do processo de alfabetização, e daí por diante o compartilhar a leitura com o aluno, o aluno compartilhar com o professor.

É essencial pensar qual o tipo de leitor que pretendemos formar no ambiente escolar. Evidentemente, pretende-se formar leitores críticos e para isso se faz indispensável motivar o jovem, pensar num planejamento escolar que possibilite essa formação, por isso é também dever da escola:

proporcionar aos alunos um espaço habitado por livros, a constatação de que existem certas formas de organizar as aprendizagens escolares que favorecem especialmente a presença da leitura e a conveniência de planificar articuladamente funções, tipos e atividades de leitura de livros na escola (COLOMER,2007,p.117)

O trabalho com textos literários pode ser bem aproveitado quando há realização de projetos, numa situação contextualizada que, segundo Colomer(2007) inclua

¹ O termo leitura compartilhada surgiu a partir de pesquisas realizadas por Aidan Chambers (apud COLOMER2007), ele proporcionou “um dos caminhos mais interessantes com seu modelo de três tipos de participação: a) compartilhar entusiasmo; b) compartilhar a construção do significado; c) compartilhar conexões que os livros estabelecem entre eles.

“objetivos, corpus de leitura e tipos de atividades”. É partindo de projetos que há de se estabelecer que lugar uma ou outra leitura deve ocupar na perspectiva de que o aluno seja instigado a participar efetivamente.

Cabe ao professor, promover a leitura literária e para isso deve escolher aquilo que permeia entre preferências pessoais e exigências curriculares. Voltando à questão de compreender a literatura como uma área que merece tratamento específico, logo deve-se imaginar que o professor necessitará de uma formação específica. Pois ele não só existe enquanto mediador da leitura, mas também deve ser um “leitor especializado” que tenha determinado conhecimento no que concerne à teoria literária.

Constata-se a partir de tais questões que a sala de aula passa a ser um ambiente propício à reflexão e democracia, bem como ao amadurecimento do pensamento crítico. Entretanto, deve-se cuidar para que o debate, que vem a ser regido pela leitura da obra em sala, seja preservado a ponto de não aceitar-se toda e qualquer compreensão subjetiva, sob pena de uma superinterpretação, ultrapassando o sentido real daquilo que está escrito. É bem verdade que trabalhar literatura de modo que a leitura seja envolta por apreciações, impressões e debates, implica numa outra questão: gerenciar o tempo, uma vez que o ritmo da aula também é diferenciado. Pois agora, com a obra em mãos, o aluno estará livre para ler, reler, pensar, suscitar reflexões políticas e sociais que levam um tempo de apreciação.

Muitos autores comprovam que o trabalho com a leitura é importante, mas há também os que se preocupam com um outro fator atrelado ao ato de ler: a escrita. Embora ainda estejamos caminhando para modificações no que diz respeito à leitura e recepção de textos literários pelos alunos, não podemos esquecer a importância de que um bom leitor literário, invólucro de estratégias que o beneficie nesse âmbito, pode também tornar-se pois, um bom escritor, uma vez que

se ler literatura serve para aprender a ler em geral, escrever literatura também serve para dominar a expressão do discurso escrito; concretamente escrever literatura –contos, poemas, narrativas feitos individual ou coletivamente- permite que as crianças compreendam e apreciem mais, tanto a estrutura ou a força expressiva de seus próprios textos, como a dos textos lidos. (COLOMER,2007)

Em *Andar entre livros*, podemos encontrar ainda o valor de compartilhar contos com crianças, pois em determinadas pesquisas tem-se observado que:

a forma pela qual os adultos ajudam a criança a explorar seu mundo à luz do que ocorre nos livros e a recorrer à sua experiência para interpretar os acontecimentos narrados, incentiva a tendência a imaginar histórias e a buscar significados que é própria do modo humano de raciocinar. (COLOMER,2007, p105)

No tocante ao conto, Massaud Moisés (1997) assegura que tal palavra se estende sob várias acepções, dentre elas, escolhemos algumas para iniciar nossas menções a respeito: “história, narração, historieta, fábula, caso: com esta acepção a palavra é empregada na Literatura”(MOISÉS,1997,p.15). Sobre a origem dele, o teórico afirma ser desconhecida, entretanto traça o percurso de muitos contos e contistas da literatura. Por hora nos interessa compreender apenas aspectos substanciais do conto, uma vez que os aspectos formais são variáveis. O autor traça algumas questões relativas a diferenças e semelhanças entre conto e romance, na intenção de facilitar a explanação teórica, o autor afirma que a diferença do conto está:

calcada na densidade, intensidade e arranjo dos componentes : a título de exemplo, as personagens do conto discrepam das que protagonizam o romance e a novela por sua densidade, intensidade e estrutura. A simples exibição de personagem não distingue o conto das fôrmas vizinhas , mas a circunstância de ser via de regra, personagens planas, surpreendidas num momento privilegiado de sua evolução (...) E assim retornamos ao ponto de partida: a distinção há de ser fundada antes na qualidade e função dos ingredientes que na sua mera presença ou no volume de páginas. (MOISÉS, 1997, p.13)

Em consonância com o teórico citado acima, Nádia Batella (1985) de forma direta e compreensível sintetiza e deixa claro do que, substancialmente, o conto trata. A autora afirma que ele “centra-se num conflito dramático em que cada gesto, cada olhar são até mesmo teatralmente utilizados pelo narrador. Não lhe falta a construção simétrica de um episódio, num espaço determinado.” (GOTLIB, 1985, p. 35). Diante de tais explanações acerca do conto e de como se dá o manejo com o texto literário em sala de aula, dispomos de uma base teórica bastante elucidativa que nos propõe alternativas de viabilizá-las para a prática. Entretanto o professor deverá ter a consciência de que a teoria não deve ser o foco de suas aulas, ela deve constar de forma tênue, após a leitura literária ter sido bem explorada.

“O TEMPO EM QUE DONA EULÁLIA FOI FELIZ” E “A GUERRA DE MARIA RAIMUNDA”: UMA LEITURA EM SALA DE AULA

“O tempo em que Dona Eulália foi feliz” é um dos dezesseis contos que configuram o que se pode denominar de literatura engajada, sendo possível inserir e mediar discussões que se voltem para questões sociais em sala de aula. Dentre as narrativas contidas no livro, é possível perceber que essa é sem dúvida um convite à reflexão sobre a personagem feminina nordestina. Percebemos a narrativa como subsídio para se trabalhar a questão social na qual a mulher está inserida. Trazendo à

tona discussões, debates e leituras reflexivas. Num primeiro momento ela aparece relegada à condição de medo. Nos primeiros parágrafos o narrador anuncia comportamento receoso da mulher ante o marido:

Assis Tenório acordou às duas da madrugada com uma dor de ferroada no lombo, disse um palavrão dos grossos e deu uma cotovelada para acordar Dona Eulália que dormia encolhida bem no canto da cama para não incomodar. A mulher antes de abrir os olhos, pediu desculpas, sem saber por quê, por via das dúvidas...(REZENDE, 2001, p.115)

No decorrer do conto, Assis Tenório, marido de Dona Eulália, é caracterizado pelo narrador como um deputado coronelista que administra Farinhada (vilarejo nordestino) com ajuda de alguns capangas. A história se desenvolve a partir “dessa dor no lombo” que sente o deputado e que vai aumentando, tomando proporções assustadoras, a ponto de nem “santo nem reza” nem remédio darem fim a doença que se alastrava em forma de feridas e de desespero. Surgindo a preocupação de buscar em “cidades grandes” outros recursos pertinentes à cura, o deputado, na companhia do filho Assisinho e de Adroaldo, o seu fiel capanga, foi internado em João Pessoa, depois em Recife, Brasília, São Paulo, e ao se esgotarem as possibilidades de cura no Brasil, foi tratar-se no exterior. Enquanto o deputado estava ausente, se desenvolvia, em Farinhada, a mudança refletida na vida dos moradores daquele vilarejo, de forma que

... a mudança mais espantosa foi a que se deu em Dona Eulália. Pela primeira vez, desde que se casara, longe das vistas do marido, estando ausente também Adroaldo, segunda pessoa dele, Eulália viu-se de repente, dona de tudo, sem ninguém que lhe dissesse o que fazer ou que lhe proibisse qualquer coisa. Não se deu conta de imediato pois o medo e a submissão, o nada ser e o nada poder eram-lhe uma segunda natureza.(REZENDE, 2001, pp.119-120)

O vilarejo, por sua vez, seguia a vida sob uma verdadeira tensão numa situação política similar a muitas cidades do nosso interior paraibano. As pessoas que estavam sempre subordinadas às ordens de um deputado coronelista e seus capangas, agora experimentavam certo ar de liberdade. Por outro lado, a necessidade de ter alguém que resolvesse e administrasse as situações públicas, emergia fortemente. Há nesse momento da narrativa uma situação antitética ora evidenciada pela alegria da liberdade, ora expressa pelo medo de não saber o que fazer, já que tudo na vila sempre foi comandado pelo deputado. A necessidade de um “governo” que os orientasse e que administrasse o cotidiano da vila é evidenciada na voz do narrador, que de maneira perspicaz promove a seguinte afirmação: “... o costume tem muita força, a liberdade é condição por demais arriscada e aos poucos foram voltando atrás de comando, de providências, de permissões.” (REZENDE, 2001, p.120).

Nas primeiras solicitações da comunidade, Dona Eulália agia timidamente e sem saber fazê-lo. Diante de tantos pedidos, a personagem não teve outra saída, sua bondade e força acabaram por determinar uma autoridade que não sabia existir. Esse momento

da narrativa, em especial, gera certa expectativa no leitor, uma vez que se configura como um momento de mudança. É nesse primeiro momento que a história poderia sofrer uma pausa, para que os alunos pudessem refletir sobre versões que culminariam no desfecho da narrativa.

É no primeiro dia de “reinado”, que o narrador revela a coragem de Dona Eulália, cujos sentimentos são evidenciados ora pelos termos compaixão, alegria e coração, ora pela exaustão, confusão e medo. O léxico na sua projeção negativa remete sempre à personagem na sua condição de submissão, quando o marido ainda era dono da situação, ao passo que os elementos positivos sinalizam uma nova condição que, embora ainda se apresente como um terreno desconhecido e temido realça a liberdade de poder ser e poder fazer:

Como um milagre, tudo se fez conforme o coração de Dona Eulália,obedeceram-lhe todos, virando-se pelo avesso as vontades do patrão... e o mundo não se acabou. Ao fim do primeiro dia de seu reinado, a mulher do fazendeiro sentia-se exausta e confusa porque seu coração tremia só de pensar no que acabara de fazer, sem que pudesse decidir se era ainda de medo ou de alegria, coisa difícil de reconhecer para quem fora triste tanto tempo. Teve que rezar muitos rosários aquela noite afinal para adormecer (...). (REZENDE, 2001, p.121)

Mais um aspecto importante é a questão da religião, as experiências vivenciadas nesse aspecto, bem como o levantamento de características religiosas presentes no texto. Essa atividade, mediada pelo professor, poderia ocorrer na perspectiva de compreender o contexto no qual esse conto foi escrito, bem como a ligação da autora com a religiosidade. Ainda sobre esse momento temos o termo ‘rosários’ como a representação metafórica e hiperbólica de terços, demonstrando a forma exagerada da necessidade de rezar como se pairasse certa confusão naquilo que fez corretamente e que, no entanto, causava medo. Também seria muito proveitoso o trabalho com o tom poético do conto, na medida em que se percebe essa “união” entre prosa e poesia.

Sobre a condição feminina, ressaltamos que há ainda muitos pontos a serem explorados: a mulher na condição que lhe foi imposta em momentos da nossa história, bem como a sua ascensão social e pessoal. Com Dona Eulália a vila ganhou reconstruções tanto nas reformas das escolas e capelas, quanto na atitude dos capangas. A caracterização de Farinhada, também permitirá a explanação dos alunos sobre aspectos referentes a questões regionais. Dona Eulália administrando a vida do vilarejo,

organizando os roçados nas próprias terras da fazenda, a distribuição de “óculos de ver de perto e óculos de ver de longe”, enfim. Mas a sensibilidade da mulher enquanto voz de autoridade naquele momento não foi o que mais repercutiu, pois:

Para a felicidade do povo de Farinhada, mais importante do que as coisas que a mulher do deputado fez foi tudo aquilo que não fez: não aperreou, não achacou, não cobrou, não sujeitou, não humilhou, não ameaçou. E o povo, contente e agradecido trazia-lhe o que tinha de bonito...(REZENDE, 2001,p122)

É imprescindível compreender aqui o trabalho com os verbos e a adjetivação, sendo que todos os verbos no pretérito referem-se a ações provocadas por Assis Tenório, enquanto que a adjetivação é utilizada como elemento que corrobora para reformulação da imagem da mulher na relação passado/futuro: antes aparecia como franzina e triste e agora passa a ser percebida como uma mulher “de faces rosadas, de olhos brilhantes, de riso festivo e gestos largos, com seus dois dedos a mais de estatura” (REZENDE,2001,p.123). Entretanto, o texto literário em questão não deve servir de pretexto, deve-se sim, compreender a função dessas palavras e sua contribuição para o desenvolvimento do objetivo do autor.

Outro fator que muito nos interessa é a formação da identidade da mulher em torno da referência da figura masculina, pois percebemos a construção dessa personagem vinculada de uma forma ou de outra à figura de seu marido. O imagético é criado de tal forma que projeta na mente do leitor a percepção de Eulália antes (com a presença do marido) e o depois (na ausência). Tanto é que a maneira como Rezende tece sobre a estatura da personagem nos leva a imaginar que esta andava aparentemente encurvada, ou melhor, de cabeça baixa e que esse ganho de estatura corresponde à “cabeça erguida”. Entretanto, é no tempo intermediário entre presença e ausência que percebemos o encontro da personagem consigo mesma, uma autoafirmação ainda que de forma temerosa.

Paralelamente a esses acontecimentos, Assis Tenório continuava em busca da cura, porém “esgotados os recursos médicos modernos” ele retorna ao Brasil em busca de tratamentos alternativos. A autora se vale da ironia para criar uma verdadeira peregrinação de Assis Tenório na busca incessante da cura. Finalmente, foi no Rio de Janeiro onde encontrou “a encarnação autêntica do próprio Buda” que observando-o chegou à conclusão de que a doença do deputado estava diretamente ligada ao mal que fizera aos outros e , portanto a si mesmo. Relevante pensar essa parte da narrativa

também como um momento em que poderia ocorrer a produção de poemas escritos pelos alunos, imaginando outros lugares e alternativas nesta busca desenfreada de Tenório pela cura. Ao chegar na vila caracterizado como minguado, definhado, ele pede à Dona Eulália, a quem agora chama de “Lálá”, que faça mais caridade e que faça em nome dele para que finalmente alcance a cura. O tratamento não demorou muito a fazer efeito: um dia pouco tempo depois, o grito de deputado ecoou fortemente ordenando aos seus capangas que desfizessem cercas, que retirassem o gado alheio de sua propriedade. Este final inesperado da narrativa, sobretudo pela quebra de expectativa dos acontecimentos: Dona Eulália numa posição de prestígio, administrando o vilarejo, surpreende sensivelmente o leitor. Temos a perspectiva de que a mulher, representada pela sua força e coragem, tem pulso para assumir politicamente a vila e, no entanto é silenciada por uma expressão que eclode preconceituosamente: “Cale a boca Lálá, vá rezar, vá bordar que mulher não sabe de nada, aqui quem manda sou eu.”(p.127). Assim, o narrador conclui que “o curioso é, no entanto, que na memória farinhense aquele tempo não é lembrado como a época da peste de Assis Tenório e nem mesmo o tempo em que gozaram liberdade, mas sim o tempo em que Dona Eulália foi feliz.” Assim como o conto supracitado, temos também “A Guerra de Maria Raimunda”, outra possibilidade riquíssima de se trabalhar questões sobre a mulher, disparidades sociais, entre outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos contos citados, elencamos algumas possibilidades teóricas do trabalho com Vasto Mundo em sala de aula. Como se trata apenas de uma perspectiva a ser concretizada no decorrer da pós-graduação, consideramos que nosso trabalho ainda necessita de uma melhor amadurecimento. Entretanto, acreditamos que trabalhar contos de Maria Valéria Rezende em sala de aula pode ser uma boa alternativa de inserir a autoria feminina no âmbito escolar e para além disso, inserir contos que surpreendem com sua simplicidade e ao mesmo tempo colaboram para discussões, debates, etc.

O trabalho com o conto, no caso dos contos presentes em *Vasto Mundo* é imprescindível por sua brevidade a qual permite que a leitura integral seja explorada em

sala de aula. Realizar essa atividade de leitura é possibilitar ao educando do ensino médio uma intimidade com o texto que, provavelmente não tenha vivenciado no decorrer do ensino fundamental. É deixá-lo livre para pensar, refletir, deixar fluir seu conhecimento de mundo, as possibilidades vastas, as descobertas capazes de inseri-lo num espaço de discussão e debate frente a contos que fazem parte de seu espaço geográfico. Estudar Maria Valéria Rezende é um desafio que surge decorrente também da preocupação relacionada à literatura de hoje, bem como a literatura. Além de que consideramos a relevância de promover uma possível interação entre leitor e autor, seja virtual ou pessoalmente.

REFERÊNCIAS

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio*. Vol. 1. Linguagens, códigos e tecnologias. Julho de 2006.

COLOMER, T. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

MOISES, M. *A criação Literária*. São Paulo: Cultrix, 1997.

GOTLIB, Nádya Batella. *Teoria do Conto*. São Paulo: Ática, 2006

PARAÍBA. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA. COORDENADORIA DO ENSINO MÉDIO. *Referenciais Curriculares para o Ensino Médio da Paraíba: Linguagens, Códigos e Suas Tecnologias*. Conhecimentos de Literatura, 2006.

PETIT, M. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Ed. 34, 2008.

PINHEIRO, H. *Pesquisa em literatura*. Campina Grande: Bagagem, 2011.

REZENDE, Maria Valéria. *Vasto Mundo*. São Paulo: Beca, 2001.